2,40

MELANIE KLEIN

AMOR, CULPA E REPARAÇÃO

e outros trabalhos
(1921-1945)

Com uma nova introdução escrita por
HANNA SEGAL

Tradução
André Cardoso

Revisão Técnica
Jayme Salomão

Coordenador Editorial
Elias M. da Rocha Barros

Imago

20
O LUTO E SUAS RELAÇÕES COM OS ESTADOS MANÍACO-DEPRESSIVOS (1940)

Nota Explicativa da Comissão Editorial Inglesa

Assim como "Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos" (1935), do qual forma uma espécie de continuação, este é um trabalho do mais alto nível. Ele coloca o luto entre os fenômenos da posição depressiva. Isso permite a Melanie Klein elucidar a natureza do luto, além de ligá-lo ao seu trabalho sobre os estados maníaco-depressivos. Sua hipótese principal é que a perda de uma pessoa amada reativa a posição depressiva infantil, e que a habilidade de entrar em luto e se recuperar depende da solução da posição depressiva na infância.

Melanie Klein descobre vários processos que antes não eram vistos como parte do luto. O principal é que a perda do objeto bom externo provoca uma sensação inconsciente de também ter perdido o objeto bom interno. Isso significa que o sofrimento da pessoa de luto e a natureza de sua tarefa são mais extensos do que se pensava; à dor da perda exterior se soma a da perda interior e o indivíduo se vê vítima da perseguição de objetos maus, *i.e.*, as ansiedades arcaicas de caráter persecutório e depressivo da posição depressiva são despertadas mais uma vez. Melanie Klein também discute a importância especial da reparação para superar estados de luto.

Ao longo de todo o artigo ela liga seu trabalho ao de Freud. Contudo, não concorda com ele no que diz respeito à relação entre o luto e os estados maníaco-depressivos. Em seu conceito, o luto do adulto normal envolve estados maníacos e depressivos que, como demonstrou em 1935, ocorrem normalmente na posição depressiva. No presente artigo, amplia seu trabalho sobre as defesas maníacas, principalmente na área do triunfo maníaco; mostra também como a mobilização excessiva de defesas maníacas interfere no seguro restabelecimento interno do objeto bom.

Do ponto de vista da teoria geral de Melanie Klein sobre o desenvolvimento, o artigo completa a exposição da posição depressiva iniciada em 1935. Demonstra que a posição depressiva inclui os processos de luto; o papel da reparação na superação da posição depressiva é descrito em maiores detalhes e as duas formas de reparação que causam seu próprio fracasso, a reparação obsessiva e a maníaca, são discutidas pela primeira vez. O artigo, como se observou acima,

oferece grandes acréscimos à descrição das defesas maníacas apresentada em 1935. Além disso, apesar de a própria Melanie Klein não dar atenção explicitamente a esse fato, há uma mudança de ênfase em relação ao trabalho de 1935 no que diz respeito a um determinado ponto; naquele artigo, ela destacava a importância para a posição depressiva da cisão renovada em planos mais realistas depois de cada etapa da unificação das imagos (p. 288, citada novamente neste artigo, na p. 350). Agora, numa nota de pé de página, afirma que a unificação de aspectos opostos do objeto é "o processo essencial" (p. 249, nota 7). No seu trabalho posterior, fica claro que o processo de unificação depende de uma cisão mais realista do objeto. No presente artigo, também aponta pela primeira vez para a mitigação do ódio pelo amor na posição depressiva.

20
O LUTO E SUAS RELAÇÕES COM OS ESTADOS MANÍACO-DEPRESSIVOS (1940)

COMO FREUD observa em "Luto e Melancolia", uma parte essencial do trabalho do luto é o teste de realidade. Segundo ele, "durante o luto, é preciso tempo para que o comando do teste de realidade seja executado em detalhes; quando esse trabalho for concluído, o ego terá conseguido libertar sua libido do objeto perdido" (E.S.B. **14**, p. 258). Ou ainda: "cada uma das lembranças e expectativas que ligam a libido ao objeto é trazida à tona e hiper-investida, obtendo-se um desligamento da libido em relação a ele. É difícil explicar em termos econômicos por que esse compromisso através do qual o comando da realidade é executado aos poucos deveria ser tão doloroso. É impressionante que encaremos um incômodo tão penoso como algo natural" (*ibid.*, p. 250-51). E em outra passagem: "...não sabemos sequer os meios econômicos através dos quais o luto executa sua tarefa. É possível, porém, que uma conjectura possa nos ajudar aqui. Cada uma das lembranças e situações de expectativa que demonstram o apego da libido ao objeto perdido se depara com o veredito passado pela realidade de que esse objeto não existe mais; confrontado, por assim dizer, com a questão de compartilhar ou não do mesmo destino, o ego é persuadido pelo conjunto de satisfações narcisistas que obtém do fato de estar vivo a romper seu apego com o objeto que foi abolido. Talvez possamos afirmar que esse trabalho de rompimento é tão lento e gradual que, quando ele chega ao fim, a quantidade de energia necessária para realizá-lo também foi dissipada" (*ibid.*, p. 260).

Em minha opinião, há uma íntima ligação entre o teste de realidade no luto normal e os processos arcaicos da mente. Afirmo, portanto, que a criança passa por estados mentais comparáveis ao luto do adulto, ou melhor, que o luto arcaico é revivido sempre que se sente algum pesar na vida ulterior. O teste de realidade, creio, é o método mais importante que a criança emprega para superar seus estados de luto; como Freud observou, porém, esse processo faz parte do trabalho do luto.

No artigo "Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos",[1] introduzi o conceito da *posição depressiva infantil* e demonstrei a ligação existente entre essa posição e os estados maníaco-depressivos. Agora, a fim de deixar clara a relação entre a posição depressiva infantil e o luto normal, é preciso

1 Ver p. 301. O presente artigo é uma continuação daquele trabalho e muito do que tenho a dizer aqui partirá das conclusões a que cheguei naquela ocasião.

voltar rapidamente a algumas afirmações que fiz naquele artigo e que tentarei ampliar aqui. Ao longo desta argumentação, espero contribuir para uma melhor compreensão do elo existente entre o luto normal, de um lado, e o luto anormal e os estados maníaco-depressivos, de outro.

Afirmei naquele artigo que o bebê possui sentimentos depressivos que atingem seu clímax pouco antes, durante e depois do desmame. É esse estado mental do bebê que chamei de "posição depressiva" e sugeri que se tratava de uma melancolia em *statu nascendi*. O objeto que desperta o luto é o seio da mãe, juntamente com tudo aquilo que o seio e o leite passaram a representar na mente do bebê: o amor, a bondade e a segurança. O bebê se sente como se isso tudo estivesse perdido como resultado de suas incontroláveis fantasias e impulsos destrutivos e vorazes contra os seios da mãe. Ao mesmo tempo, novas aflições em torno da perda (dessa vez de ambos os pais) surgem a partir da situação edipiana, que tem início muito cedo e está tão ligada às frustrações associadas ao seio, que no princípio é dominada por medos e impulsos orais. O círculo dos objetos amados que são atacados na fantasia – e cuja perda, portanto, passa a ser temida – se amplia devido às relações ambivalentes da criança com os irmãos e as irmãs. A agressividade contra irmãos e irmãs fantasiosos, que são atacados dentro do corpo da mãe, também dá origem a sentimentos de culpa e de perda. De acordo com minha experiência, a preocupação e o pesar em torno da perda tão temida dos objetos "bons" – ou seja, a posição depressiva – é a fonte mais profunda dos dolorosos conflitos que ocorrem na situação edipiana, assim como na relação da criança com as pessoas em geral. No desenvolvimento normal, esses sentimentos de pesar e esses medos são superados através de vários métodos.

A relação da criança primeiro com a mãe e logo depois com o pai e as outras pessoas é acompanhada pelos processos de internalização a que dei tanto destaque no meu trabalho. O bebê, tendo incorporado os pais, sente como se eles fossem pessoas vivas dentro de seu corpo, da mesma maneira concreta que profundas fantasias inconscientes são vividas – na sua mente, eles são objetos "internos", como passei a chamá-los. Assim, se constrói um mundo interior na mente inconsciente da criança, mundo que corresponde às suas experiências reais e às impressões que recebe das pessoas e do mundo externo, que no entanto são alteradas pelas suas próprias fantasias e impulsos. Quando se trata de um mundo onde as pessoas estão predominantemente em paz umas com as outras e com o ego, o resultado é a harmonia, a segurança e a integração interna.

Há uma interação constante entre as ansiedades relacionadas à mãe "externa" – como prefiro chamá-la a fim de diferenciá-la da mãe "interna" – e aquelas que estão ligadas à mãe "interna". Os métodos empregados pelo ego para lidar com esses dois grupos de ansiedade estão profundamente inter-relacionados. Na mente do bebê, a mãe "interna" está ligada à "externa", da qual é um "duplo" –

duplo, porém, que passa por alterações em sua mente devido ao próprio processo de internalização; isto é, a imagem da mãe é influenciada pelas fantasias do bebê, além de experiências e estímulos internos de todos os tipos. Quando as situações externas que ele vive se tornam internalizadas – e acredito que isso ocorra desde os primeiros dias de vida do bebê – elas também obedecem ao mesmo padrão: tornam-se "duplos" das situações reais e também são alteradas pelos mesmos motivos. Um dos elementos que colaboram em muito para a natureza fantástica desse mundo interno é o fato de que, ao serem internalizados, os acontecimentos, as pessoas, as coisas e as situações – tudo aquilo que dá forma ao mundo interno em construção – tornam-se inacessíveis à observação e juízo preciso da criança, não podendo ser verificados pelos meios de percepção disponíveis em relação ao mundo tangível dos objetos. As dúvidas, incertezas e ansiedades que surgem como conseqüência disso agem como incentivo contínuo para que a criança pequena observe e se certifique do mundo externo dos objetos[1] que dá origem a esse mundo interno. Desse modo, ela poderá entender melhor o mundo interno. Assim, a mãe visível continuamente oferece provas de como é a mãe "interna": amorosa ou ríspida, prestativa ou vingativa. Até que ponto a realidade externa pode refutar as ansiedades e o sofrimento relacionado à realidade interna varia de indivíduo para indivíduo, mas esse fator pode ser tomado como um dos critérios da normalidade. É inevitável que surjam sérias dificuldades mentais no caso de crianças de tal forma dominadas pelo seu mundo interior que suas ansiedades não são refutadas nem pelos aspectos agradáveis de sua relação com as pessoas. Por outro lado, certa quantidade de experiências desagradáveis não deixa de ter seu valor no teste de realidade realizado pela criança, desde que ao superá-las ela perceba que pode manter seus objetos, assim como o amor que estes sentem por ela e ela sente por eles, preservando ou restabelecendo a vida e a harmonia interna diante dos perigos.

Para o bebê, todos os prazeres que sente junto à mãe servem como prova de que o objeto de amor *interno e externo* não está ferido, nem se transformou numa pessoa vingativa. O aumento de amor e confiança, acompanhado pela redução do medo através de experiências felizes, ajuda o bebê a vencer gradualmente sua depressão e sentimento de perda (luto). Ele permite que o bebê teste sua realidade interna através da realidade externa. Ao ser amado e sentir prazer e conforto junto a outras pessoas, sua confiança na bondade dos outros e de si mesmo é fortalecida. Aumenta a esperança de que os objetos "bons" e o seu

1 Aqui só posso me referir de passagem ao grande ímpeto que essas ansiedades dão ao desenvolvimento de interesses e sublimações de todos os tipos. Se as ansiedades forem fortes demais, elas podem interferir no desenvolvimento intelectual, ou até bloqueá-lo (cf. "Uma contribuição à teoria da inibição intelectual", p. 269).

próprio ego possam ser salvos e preservados, ao mesmo tempo em que a ambivalência e medos agudos da destruição interna dimimuem.

Na criança pequena, as experiências desagradáveis e a falta de experiências prazerosas, principalmente a falta de contato íntimo e feliz com pessoas amadas, aumentam a ambivalência, diminuem a confiança e a esperança, e confirmam as ansiedades a respeito da aniquilação interna e a perseguição externa; além disso, retardam ou interrompem permanentemente os processos benéficos através dos quais se atinge a segurança interna a longo prazo.

No processo de aquisição do conhecimento, é preciso encaixar cada nova experiência nos padrões fornecidos pela realidade psíquica que predomina no momento; ao mesmo tempo, a realidade psíquica da criança é gradualmente influenciada por cada passo dado rumo ao conhecimento da realidade externa. Em cada uma dessas etapas, os objetos internos "bons" se estabelecem com mais força, sendo utilizados pelo ego como meio de superar a posição depressiva.

Afirmei em outro contexto que todo bebê sente ansiedades de conteúdo psicótico[1] e que a neurose infantil[2] é o meio normal de se trabalhar e modificar essas ansiedades. Agora posso apresentar essa conclusão de forma mais precisa como resultado do meu trabalho sobre a posição depressiva infantil, que me levou a acreditar que ela é a posição central do desenvolvimento da criança. A posição depressiva arcaica é expressa, trabalhada e gradualmente superada através da neurose infantil; isso é um elemento importante do processo de organização e integração que, juntamente com o desenvolvimento sexual,[3] caracteriza os primeiros anos de vida. Normalmente, a criança passa pela neurose infantil e, entre outras realizações, estabelece gradualmente uma boa relação com as pessoas e a realidade. Afirmo que essa relação satisfatória com os outros depende da vitória contra o caos interior (a posição depressiva) e do firme estabelecimento dos objetos internos "bons".

1 *A psicanálise de crianças*, 1932; principalmente o capítulo VIII.

2 No mesmo livro (*Obras completas*, **2**, pp. 100-01, n), ao apresentar novamente, minha opinião de que toda criança passa por uma neurose que só difere em termos de gradação de um indivíduo para o outro, acrescentei: "Esta opinião, que já defendo há alguns anos, recebeu recentemente uma valiosa corroboração. No livro *A questão da análise leiga* (E. S.B. **20**), Freud afirma: 'agora que já aprendemos a fazer observações mais aguçadas, somos tentados a dizer que a neurose na criança é a regra, e não a exceção. É como se fosse difícil evitá-la no caminho que vai da disposição inata da infância para a sociedade civilizada' (p. 208)".

3 Os sentimentos, medos e defesas da criança estão ligados em todos os pontos aos seus desejos e fixações libidinais, e o resultado de seu desenvolvimento sexual na infância está sempre numa relação de interdependência com os processos que descrevo neste artigo. Creio que o desenvolvimento libidinal da criança ficará mais claro se o estudarmos em conexão com a posição depressiva e as defesas empregadas contra ela. Trata-se, porém, de um assunto de tamanha importância, que mereceria nossa total atenção, estando, portanto, fora do escopo deste trabalho.

Agora vejamos mais de perto os métodos e mecanismos através dos quais se dá esse desenvolvimento.

Uma vez que, no bebê, os processos de introjeção e projeção são dominados pela agressividade e a ansiedade, que se reforçam mutuamente, eles levam ao medo da perseguição por parte de objetos aterrorizantes. A esse se acrescenta o medo de perder os objetos amados; ou seja, surge a posição depressiva. Quando introduzi o conceito de posição depressiva pela primeira vez, sugeri que a introjeção do objeto amado total dá origem à preocupação e ao sofrimento em torno da possível destruição desse objeto (pelos objetos "maus" e o id). Esses medos e sentimentos de pesar, somados ao conjunto de medos e defesas paranóides, constituem a posição depressiva. Assim, há dois conjuntos de medos, sentimentos e defesas que, mesmo muito diferentes e profundamente interligados entre si, podem, na minha opinião, ser isolados por uma questão de clareza teórica. O primeiro conjunto de sentimentos e fantasias tem uma natureza persecutório, caracterizada por medos relacionados à destruição do ego por perseguidores internos. As defesas contra esses medos consistem principalmente na destruição dos perseguidores através de métodos violentos ou cheios de astúcia. Examinei detalhadamente esses medos e defesas em outros contextos. Já descrevi antes o segundo conjunto de sentimentos que forma a posição depressiva, sem lhe dar nenhum termo específico. Agora proponho chamar esses sentimentos de pesar e preocupação pelos objetos amados, o medo de perdê-los e o desejo de recuperá-los, com uma palavra simples, derivada da linguagem cotidiana: o "anseio" pelo objeto amado. Em suma, a perseguição (por parte de objetos "maus") e as defesas tipicamente empregadas contra ela, de um lado, e o anseio pelo objeto amado ("bom"), de outro, constituem a posição depressiva.

Quando surge a posição depressiva, o ego é obrigado a desenvolver (além das defesas anteriores) métodos de defesa que se voltam essencialmente contra o "anseio" pelo objeto amado. Eles são fundamentais para toda a organização do ego. Anteriormente chamei alguns desses métodos de *defesas maníacas*, ou de *posição maníaca*, por causa de sua relação com a doença maníaco-depressiva.[1]

As flutuações entre a posição maníaca e a depressiva são parte fundamental do desenvolvimento normal. Ansiedades depressivas (a ansiedade de que os objetos amados assim como o próprio ego sejam destruídos) levam o ego a criar fantasias onipotentes e violentas, em parte com o propósito de controlar os objetos "maus" e perigosos, e em parte para salvar e restaurar os objetos "amados". Desde o início, essas fantasias onipotentes – tanto as destrutivas quanto as reparadoras – estimulam todos os interesses, atividades e sublimações da criança, tornando-se parte integrante deles. No caso do bebê, o caráter

1 "Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos", p. 301.

exagerado tanto das fantasias sádicas quanto das construtivas se adequa ao extremo pavor despertado pelos perseguidores – e, na outra ponta da escala, à extrema perfeição dos objetos "bons".[1] A idealização é uma parte essencial da posição maníaca e está ligada a outro elemento importante dessa posição: a negação. Sem uma negação parcial e temporária da realidade psíquica, o ego não consegue suportar o desastre de que se sente ameaçado quando a posição depressiva está no auge. A onipotência, a negação e a idealização, intimamente ligadas à ambivalência, permitem que o ego primitivo se levante até certo ponto contra seus perseguidores internos e contra uma dependência submissa e perigosa em relação aos objetos amados, o que traz novos avanços em seu desenvolvimento. Citarei aqui uma passagem de um dos meus artigos anteriores [p. 328]:

> na primeira fase de desenvolvimento os objetos perseguidores e os objetos bons (os seios) estão muito afastados na mente da criança. Quando – com a introjeção do objeto total e real – eles se aproximam, o ego recorre constantemente ao mecanismo que já foi mencionado acima e que é tão importante para o desenvolvimento da relação com os objetos: a cisão das imagos entre amor e ódio, ou seja, entre boas e perigosas.
>
> Talvez se possa dizer que na verdade é nesse momento que surge a ambivalência – que, afinal, diz respeito às relações de objeto, isto é, a objetos totais e reais. A ambivalência, estabelecida através de uma cisão das imagos, permite à criança pequena ter mais confiança nos seus objetos reais e, conseqüentemente, nos seus objetos internalizados também – desse modo, ela consegue

1 Já afirmei em vários contextos (a primeira vez foi em "Estágios iniciais do conflito edipiano", p. 214) que o medo de perseguidores fantasticamente "maus" e a crença em objetos fantasticamente "bons" estão interligados. A idealização é um processo fundamental na mente da criança pequena, pois ela ainda não consegue lidar de outra maneira com seus medos de perseguição (que são conseqüência de seu próprio ódio). Só quando as ansiedades arcaicas são aliviadas através de experiências que aumentam o amor e a confiança é que se torna possível estabelecer o processo essencial de juntar os vários aspectos dos objetos (externos e internos, "bons" e "maus", amados e odiados). Só então o ódio é realmente mitigado pelo amor – o que significa uma redução da ambivalência. Enquanto a separação entre esses *aspectos* contrastantes – percebidos no inconsciente como *objetos* contrastantes – mantém-se com toda sua força, os sentimentos de amor e ódio permanecem de tal forma separados, que o amor não consegue mitigar o ódio.

Assim, a fuga para um objeto "bom" internalizado, que Melitta Schmideberg (1930) aponta como um mecanismo fundamental da esquizofrenia, também participa do processo de idealização a que normalmente recorre a criança pequena nas suas ansiedades depressivas. Melitta Schmideberg também chamou atenção várias vezes para as conexões existentes entre a idealização e a falta de confiança no objeto.

> amá-los com mais força e desenvolver cada vez mais as fantasias de restaurar o objeto amoroso. Ao mesmo tempo, as ansiedades e defesas paranóides se voltam contra os objetos "maus". O apoio que o ego obtém do objeto "bom" real é ampliado por um mecanismo de fuga, que se alterna entre objetos bons externos e internos.
>
> Tudo indica que nesse estágio de desenvolvimento a unificação entre os objetos externos e internos, amados e odiados, reais e imaginários se dá de tal forma, que cada etapa conduz a uma nova cisão das imagos. Contudo, à medida que vai aumentando a adaptação ao mundo externo, essa cisão ocorre em planos que vão se aproximando cada vez mais da realidade. Essa situação se mantém até que o amor pelos objetos reais e internalizados, assim como a confiança neles, esteja bem estabelecida. Então a ambivalência, que é em parte uma garantia contra o ódio da própria criança e contra os objetos odiados e aterrorizantes, também diminuirá em graus diferentes ao longo do desenvolvimento normal.[1]

Como já afirmei antes, a onipotência prevalece nas fantasias arcaicas (tanto destrutivas quanto reparadoras) e influencia as sublimações, assim como as relações de objeto. No entanto, a onipotência está tão ligada no inconsciente aos impulsos sádicos a que estava associada de início, que a criança acredita que suas tentativas de reparação fracassaram, ou não terão sucesso no futuro. Ela pensa que poderá ser facilmente dominada pelos seus impulsos sádicos. A criança pequena – que, como já vimos, ainda não consegue confiar plenamente nos seus sentimentos construtivos e reparadores – recorre à onipotência maníaca. Por isso, num estágio inicial do desenvolvimento, o ego não dispõe de meios adequados para lidar de forma eficiente com a culpa e a ansiedade. Tudo isso faz com que a criança – e, até certo ponto, também o adulto – sinta a necessidade de repetir certas ações de forma obsessiva (na minha opinião, isso faz parte da compulsão à repetição);[2] ou – adotando-se o método oposto – recorra à onipotência e à negação. Quando as defesas de natureza maníaca fracassam (defesas em que perigos originários de várias fontes são negados ou minimizados de forma onipotente), o ego é simultânea ou alternadamente levado a combater o medo da deterioração e da desintegração com tentativas de reparação executadas de forma obsessiva. Já apresentei em outra ocasião[3] a conclusão de que os mecanismos obsessivos são uma defesa contra as ansiedades paranóides, além

1 "Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos", p. 262.

2 *A psicanálise de crianças*, *Obras completas*, **2**, pp. 116 e 202.

3 *Ibid.*, capítulo IX.

de ser um meio de modificá-las. Agora gostaria apenas de mostrar rapidamente a conexão existente entre mecanismos obsessivos e defesas maníacas em relação à posição depressiva no desenvolvimento normal.

O próprio fato de as defesas maníacas estarem tão ligadas àquelas de caráter obsessivo alimenta o medo do ego de que a reparação realizada por meios obsessivos também tenha fracassado. O desejo de controlar o objeto, a gratificação sádica de dominá-lo e humilhá-lo, de sobrepujá-lo, o *triunfo* sobre ele, podem participar com tanta força do ato de reparação (realizado através de pensamentos, atividades ou sublimações) que o círculo "benigno" iniciado por esse ato se rompe. Os objetos que deveriam ser restaurados se transformam novamente em perseguidores e os medos paranóides voltam à tona. Esses medos reforçam os mecanismos de defesa paranóides (de destruir o objeto) assim como os mecanismos maníacos (de controlá-lo ou mantê-lo em animação suspensa, e assim por diante). A reparação em progresso então é prejudicada ou anulada – dependendo da intensidade com que esses mecanismos são ativados. Como conseqüência do fracasso do ato de reparação, o ego se vê obrigado a recorrer constantemente a defesas obsessivas e maníacas.

Quando se obtém um relativo equilíbrio entre amor e ódio durante o desenvolvimento normal, e os vários aspectos dos objetos se encontram mais unificados, então também há uma maior harmonia entre esses métodos contrastantes, mas intimamente relacionados, que começam a perder sua intensidade. A esse respeito, gostaria de marcar a importância do *triunfo*, profundamente ligado ao desprezo e à onipotência, como elemento da posição maníaca. Sabemos o papel desempenhado pela rivalidade no desejo ardente da criança de igualar os feitos dos adultos. Somando-se à rivalidade, o desejo – misturado ao medo – de "crescer" para além de suas dificuldades (em última análise, superar seu próprio caráter destrutivo e seus objetos internos maus, tornando-se capaz de controlá-los) é um incentivo para realizações de todos os tipos. De acordo com minha experiência, o desejo de reverter a relação pais-filho, de ter poder e triunfar sobre os pais, está sempre associada até certo ponto a desejos voltados para a obtenção do sucesso. Na fantasia da criança, haverá um dia em que ela será forte, alta e adulta, poderosa, rica e potente; o pai e a mãe terão se transformado em crianças indefesas ou, como acontece em outras fantasias, estarão muito velhos, fracos, pobres e rejeitados. Por causa da culpa que cria, o triunfo sobre os pais nessas fantasias muitas vezes prejudica esforços de todos os tipos. Algumas pessoas são obrigadas a serem sempre malsucedidas, pois para elas o sucesso implica a humilhação ou mesmo o dano de outra pessoa. Trata-se, em primeiro lugar, do triunfo sobre os pais, os irmãos e as irmãs. Os esforços dessas pessoas para conseguir alguma coisa podem ser altamente construtivos, mas o triunfo implícito e o dano feito ao objeto podem se sobrepor a esses

propósitos na mente do sujeito, impedindo sua realização. Como conseqüência, a reparação aos objetos amados, que nas profundezas da mente são os mesmos sobre os quais o indivíduo triunfa, é mais uma vez prejudicada e a culpa permanece sem alívio. O triunfo do sujeito sobre seus objetos necessariamente implica que estes por sua vez tentarão triunfar sobre ele, o que gera desconfiança e sentimentos de perseguição. O resultado pode ser a depressão, ou um aumento das defesas maníacas, acompanhado por um controle mais violento dos objetos: uma vez que o sujeito não conseguiu reconciliá-los, restaurá-los ou melhorá-los, a sensação de ser perseguido por eles volta a ser dominante. Tudo isso exerce uma influência importante sobre a posição depressiva infantil e a habilidade do ego para superá-la. O triunfo sobre os objetos internos que o ego da criança pequena controla, humilha e tortura faz parte do aspecto destrutivo da posição maníaca que perturba a reparação e a recriação do mundo interno, assim como da paz e da harmonia interior; desse modo, o triunfo prejudica o trabalho do luto arcaico.

A fim de exemplicar esses processos de desenvolvimento, examinemos algumas características encontradas em pessoas hipomaníacas. Um aspecto típico da atitude do indivíduo hipomaníaco em relação a pessoas, princípios e eventos em geral é que ele tem a tendência de fazer avaliações exageradas: admiração excessiva (idealização) ou desprezo (desvalorização). A isso se soma a tendência de ver tudo em larga escala, de pensar em *números grandes*, tudo em harmonia com a grandeza de sua onipotência, através da qual se defende do medo de perder o único objeto que é insubstituível: a mãe, pela qual no fundo ainda está em luto. Há um forte contraste entre a tendência de minimizar a importância dos detalhes e dos números pequenos – de tratá-los com casualidade e desprezar a meticulosidade – e os métodos extremamente meticulosos, a atenção dada às menores coisas (Freud), que fazem parte dos mecanismos obsessivos.

Esse desprezo, porém, também está calcado até certo ponto na negação. É preciso negar o impulso de fazer uma ampla e detalhada reparação porque é preciso negar a causa da reparação: o dano feito ao objeto, e o sofrimento e a culpa que são sua conseqüência.

Voltando à progressão do desenvolvimento inicial, pode-se dizer que cada etapa do crescimento emocional, intelectual e físico é empregada pelo ego como um meio de superar a posição depressiva. Os dons e as habilidades crescentes da criança aumentam sua crença na realidade psíquica de suas tendências construtivas, na sua capacidade de dominar e controlar não só seus impulsos hostis, mas também os objetos "maus" internalizados. Desse modo, ansiedades oriundas de várias fontes são aliviadas, o que gera uma diminuição da agressividade e, conseqüentemente, das suspeitas relacionadas a objetos "maus" exter-

nos ou internos. O ego fortalecido, dotado de uma maior confiança nas pessoas, então pode avançar ainda mais em direção à unificação de suas imagos – externas, internas, amadas e odiadas – e de uma maior mitigação do ódio através do amor, atingindo assim um processo geral de integração.

Quando, como conseqüência das constantes provas e contra-provas obtidas através do teste de realidade externa, a criança ganha mais confiança na sua capacidade de amar, nos seus poderes reparadores, e na integração e segurança do seu mundo interno bom, a onipotência maníaca diminui juntamente com a natureza obsessiva dos impulsos voltados para a reparação. Em geral, esse é um sinal de que a neurose infantil chegou ao fim.

Resta ligar a posição depressiva infantil ao luto normal. No meu ponto de vista, a dor trazida pela perda da pessoa amada é muito ampliada pelas fantasias inconscientes do sujeito, que acredita ter perdido seus objetos *internos* "bons" também. Ele tem a impressão, portanto, de que os objetos internos "maus" tornaram-se dominantes e que seu mundo interno corre o risco de se desintegrar. Sabemos que a perda da pessoa amada cria o impulso de reinstalar o objeto amado perdido dentro do ego (Freud e Abraham). A meu ver, porém, o indivíduo não só joga para dentro de si (reincorpora) a pessoa que acaba de perder, como também reinstala os objetos bons internalizados (em última análise, os pais amados), que se tornaram parte de seu mundo interno desde as etapas mais arcaicas de seu desenvolvimento. Tem-se a impressão de que estes também foram destruídos sempre que se passa pela morte de uma pessoa querida. Como conseqüência, a posição depressiva arcaica é reativada, juntamente com as ansiedades, a culpa e os sentimentos de perda derivados da situação da amamentação, da situação edipiana e de todas as outras fontes. No meio de todas essas emoções, o medo de ser roubado e punido por ambos os pais temidos – ou seja, a sensação de perseguição – também volta a ganhar força nas camadas profundas da mente.

Se, por exemplo, uma mulher perde o filho, sua dor e sofrimento são acompanhados pela reativação do medo de ser roubada por uma mãe "má" retaliadora, medo que agora é confirmado. Suas próprias fantasias arcaicas de roubar os bebês da mãe deram origem ao medo e à sensação de ser punida, o que fortalece a ambivalência e leva ao ódio e à desconfiança em relação aos outros. O reforço de sentimentos de perseguição no estado de luto torna-se ainda mais doloroso porque as relações amistosas com as pessoas, que nesse momento poderiam ser de grande ajuda, são obstruídas pelo crescimento da ambivalência e da desconfiança.

Assim, a dor associada ao lento processo do teste de realidade durante o trabalho do luto parece se explicar em parte pela necessidade não só de renovar os elos com o mundo externo e portanto reviver constantemente a perda, mas

também de usar esse processo para reconstruir com agonia o mundo interno, que o indivíduo julga estar em perigo de decair e desmoronar.[1] Assim como a criança pequena que passa pela posição depressiva está lutando, na sua mente inconsciente, para estabelecer e integrar seu mundo interno, a pessoa de luto também sofre a dor de restabelecê-lo e reintegrá-lo.

No luto normal, ansiedades psicóticas arcaicas não reativadas. O indivíduo de fato está doente, mas como seu estado mental é comum e parece tão natural, não chamamos o luto de doença. (Por motivos semelhantes, até alguns anos atrás a neurose infantil da criança normal não era reconhecida como tal.) Colocando minhas conclusões de forma mais precisa: durante o luto, o indivíduo passa por um estado maníaco-depressivo modificado e transitório, vencendo-o depois de algum tempo; assim, ele repete – ainda que em circunstâncias diferentes e com outros tipos de manifestações – os processos que a criança normalmente atravessa no seu desenvolvimento inicial.

O maior perigo que o indivíduo corre durante o luto é o desvio de seu ódio para a própria pessoa que ele acaba de perder. Uma das maneiras através das quais o ódio se expressa na situação de luto é a sensação de triunfo sobre a pessoa morta. Mencionei acima que o triunfo faz parte da posição maníaca no desenvolvimento infantil. Os desejos de morte infantis contra os pais, irmãos e irmãs se vêem realizados quando uma pessoa querida morre, pois ela sempre é um representante, até certo ponto, das figuras importantes do início da vida da criança e atrai, portanto, alguns dos sentimentos originalmente relacionados a elas. Sua morte, por mais que tenha sido arrasadora por outros motivos, não deixa de ser percebida também como uma vitória. Isso dá origem à sensação de triunfo, que gera ainda mais culpa.

Nesse ponto, percebo que meus conceitos diferem dos de Freud, que afirmou: "Em primeiro lugar, o luto normal também vence a perda do objeto e, enquanto dura, absorve todas as energias do ego. Por que, então, depois que ele já correu seu curso, não há o menor sinal nesse caso da condição econômica para uma fase de triunfo? Não consigo encontrar uma resposta imediata para essa objeção" (ES.B., **14**, p. 260). De acordo com minha experiência, os sentimentos de triunfo estão inevitavelmente ligados até mesmo ao luto normal e têm o efeito de retardar esse processo, ou melhor, de contribuir para as dificuldades e a dor que o indivíduo sente nessa situação. Quando o sujeito é dominado pelas várias manifestações do ódio ao objeto amado perdido, a pessoa amada não só

1 Creio que esses fatos ajudam a responder a questão levantada por Freud, que citei no início desse artigo: "É difícil explicar em termos econômicos por que esse compromisso através do qual o comando da realidade é executado aos poucos deveria ser tão doloroso. É impressionante que encaremos um incômodo tão doloroso como algo natural."

se transforma num perseguidor, como também abala a crença do sujeito em seus objetos internos bons. A crença abalada nos objetos bons perturba de forma dolorosa o processo de idealização, que é uma etapa intermediária essencial para o desenvolvimento mental. No caso das crianças pequenas, a mãe idealizada funciona como uma proteção contra a mãe retaliadora ou morta e contra todos os objetos maus, representando a segurança e a própria vida. Como já sabemos, o indivíduo de luto obtém um grande alívio ao recordar a bondade e as boas qualidades da pessoa que acaba de perder. Isso se deve em parte ao conforto que sente ao manter seu objeto amado temporariamente idealizado.

Os estados passageiros de elação[1] que ocorrem em meio ao sofrimento do luto normal são de caráter maníaco e se devem à sensação de trazer o objeto amado perfeito (idealizado) dentro de si. A qualquer momento, porém, quando o ódio contra a pessoa amada perdida brota novamente no indivíduo de luto, sua crença nela se quebra, perturbando o processo de idealização. (O ódio contra a pessoa amada é ampliado pelo medo de que, ao morrer, ela estivesse tentando punir o sujeito e impor-lhe a privação. Da mesma maneira, no passado, sempre que a mãe não estava presente e ele a desejava, acreditava que ela tinha morrido a fim de puni-lo e privá-lo daquilo que queria.) Só gradualmente, retomando a confiança nos objetos externos e em valores de todos os tipos, é que a pessoa de luto consegue fortalecer mais uma vez sua confiança na pessoa amada que perdeu. Então ela pode admitir novamente que esse objeto não era perfeito, sem perder a confiança e o amor que sente por ele, nem temer sua vingança. Quando se atinge esse estágio, já se fez um avanço importante no trabalho de luto em direção à sua superação.

Apresentarei agora um exemplo a fim de ilustrar como uma pessoa normal de luto restabelece suas conexões com o mundo externo. A Sra. A passou os primeiros dias depois da perda terrível de seu filho pequeno, que morreu de repente quando estava na escola, separando suas cartas. Guardou as que recebera dele e jogou outras fora. Desse modo, ela inconscientemente tentava restaurá-lo e mantê-lo seguro dentro de si, jogando no lixo o que lhe parecia sem importância, ou mesmo hostil – isto é, os objetos "maus", os excrementos perigosos e os sentimentos ruins.

Algumas pessoas de luto arrumam a casa e mudam a mobília de lugar, ações motivadas pela intensificação dos mecanismos obsessivos, que são uma repetição das defesas empregadas para combater a posição depressiva infantil.

Na primeira semana depois da morte do filho, a Sra. A não chorou muito, e

1 Abraham (1924) fala a respeito de uma situação desse tipo: "Basta inverter a afirmação [de Freud] de que 'a sombra do objeto amoroso perdido cai sobre o ego' e dizer que, nesse caso, não é a sombra, mas a luz radiante da mãe amada que se derramou sobre o filho."

as lágrimas não lhe davam o mesmo alívio que trariam mais tarde. Ela se sentia entorpecida e fechada, fisicamente exausta. Ver uma ou duas pessoas mais íntimas, porém, lhe dava algum alívio. Nesse estágio, a Sra. A, que costumava sonhar todas as noites, parou de sonhar completamente, por causa da profunda negação inconsciente de sua perda. No final da semana, teve o seguinte sonho:

Via duas pessoas, uma mulher com o filho. A mãe usava um vestido negro. A Sra. A sabia que esse menino tinha morrido, ou então ia morrer. Não sentia nenhum pesar, mas havia um certo traço de hostilidade em relação às duas pessoas.

As associações trouxeram à tona uma lembrança importante. Quando a Sra. A era pequena, seu irmão, que sentia dificuldades nos deveres da escola, ia ter aulas com um colega da sua própria idade (irei chamá-lo de B). A mãe de B viera visitar a mãe da Sra. A para combinar como seria o estudo dos meninos, e a lembrança desse incidente despertava sentimentos muito fortes na Sra. A. A mãe de B. se comportava de forma condescendente e sua mãe parecia abatida. A Sra. A teve a impressão de que uma terrível desgraça se abatera não só sobre o irmão que tanto amava e admirava, mas também sobre toda a família. Esse irmão, alguns anos mais velho do que ela, lhe dava a impressão de possuir enorme conhecimento, habilidade e força – em suma, era um exemplo de todas as virtudes. O ideal da menina foi despedaçado quando sua deficiência na escola ficou clara. No entanto, a intensidade de seus sentimentos, que deu a esse incidente o caráter de um desastre irreparável e o deixou marcado na sua memória, tinha sua origem no sentimento de culpa inconsciente da Sra. A. Para ela, tudo o que acontecera era uma realização de seus próprios desejos nocivos. O irmão ficou muito envergonhado com toda aquela situação e expressou forte ódio e aversão pelo outro menino. Naquela época, a Sra. A se identificou muito com ele e com esses sentimentos de ressentimento. No sonho, as duas pessoas que a Sra. A via eram B e sua mãe, e o fato de o menino estar morto expressava os desejos de morte arcaicos que alimentava contra ele. Ao mesmo tempo, entretanto, os desejos de morte contra o irmão e o desejo de punir a mãe e impor-lhe uma privação através da morte do filho – desejos profundamente reprimidos – também faziam parte de seus pensamentos oníricos. Ficava claro agora que a Sra. A, apesar de toda a sua admiração e amor pelo irmão, sentia ciúmes dele por vários motivos, invejando seu maior conhecimento, sua superioridade mental e física, e até mesmo o fato de ele possuir um pênis. O ciúme que sentia da mãe amada por esta ter um filho como aquele contribuíra para seus desejos de morte contra ele. Um dos pensamentos oníricos, portanto, era o seguinte: "O filho de uma mulher morreu, ou vai morrer. É o filho dessa mulher desagradável, que magoou minha mãe e meu irmão, quem deveria morrer." Em camadas mais profundas, porém, o desejo de morte contra o irmão também foi reativado e esse desejo de morte tomava a seguinte forma: "O filho da minha

mãe morreu, e não o meu." (Tanto a mãe quanto o irmão de fato já estavam mortos.) Nesse ponto, surge um outro tipo de sentimento: compaixão pela mãe e pesar por si mesma. Era assim que se sentia: "Uma morte desse tipo já é o bastante. Minha mãe perdeu o filho; ela não deveria perder também o neto." Quando seu irmão morreu, além de um grande pesar, ela também sentiu inconscientemente triunfo sobre ele, como conseqüência de seu ciúme e ódio arcaico, juntamente com o sentimento de culpa correspondente. Ela carregara parte dos sentimentos que tinha pelo irmão para sua relação com o filho. Em seu filho, ela também amava o irmão; ao mesmo tempo, porém, parte da ambivalência relacionada ao irmão, ainda que modificada pelos seus fortes sentimentos maternais, também foi transferida para o filho. O luto pelo irmão, juntamente com o pesar, o triunfo e a culpa vividos em relação a ele, participavam de seu sofrimento atual e se manifestaram no sonho.

Vejamos agora a interação entre as defesas, conforme elas apareceram nesse material. Quando ocorreu a perda, a posição maníaca foi reforçada, e a negação em particular passou a agir com muita força. A Sra. A rejeitou inconscientemente o fato de que seu filho havia morrido. Quando não conseguiu mais manter essa negação com tanta intensidade – mas ainda não se via capaz de enfrentar a dor e o sofrimento – o triunfo, um dos outros elementos da posição maníaca, foi reforçado por sua vez. Como pôde-se ver através das associações, ela parecia se agarrar ao seguinte raciocínio: "Não dói nada se só *um* menino morre. Isso é até satisfatório. Agora eu vou poder me vingar desse menino desagradável que feriu meu irmão." Só depois de árduo trabalho analítico pôde-se perceber como o triunfo sobre o irmão também foi revivido e fortalecido. No entanto, esse triunfo estava associado ao controle da mãe e do irmão *internalizados*, e ao triunfo sobre eles. Nesse estágio, o *controle* sobre os objetos internos foi reforçado, o infortúnio e o pesar *deslocados* dela mesma para sua mãe internalizada. Aqui a negação volta à ação mais uma vez – negação da realidade psíquica em que ela e a mãe interna eram uma só e sofriam juntas. A compaixão e o amor pela mãe interna foram negados, fazendo com que sentimentos de vingança e triunfo sobre os objetos internalizados e o controle sobre eles se reforçassem, em parte porque tinham se tornado figuras persecutórias por causa dos sentimentos vingativos da própria Sra. A.

No sonho, havia apenas uma leve indicação de que a Sra. A já possuía um maior conhecimento inconsciente de que *ela própria* havia perdido o filho (e que, portanto, a negação estava se enfraquecendo). No dia anterior ao sonho ela estava usando um vestido negro com colarinho branco. A mulher do sonho tinha alguma coisa branca em volta do pescoço, por cima do vestido preto.

Duas noites depois ela teve outro sonho: *estava voando com o filho e ele desapareceu. Percebeu que isso significava sua morte – que ele tinha se afogado.*

Sentiu como se ela também fosse se afogar – mas então fez um esforço e se afastou do perigo, de volta para a vida.

As associações mostraram que, no sonho, ela decidira não morrer com o filho, e sim sobreviver. Ficou claro que mesmo no sonho ela percebia que era bom estar viva e mau estar morta. Nesse sonho, o conhecimento inconsciente da sua perda é aceito com muito mais facilidade do que no de dois dias antes. O pesar e a culpa estavam mais próximos. O sentimento de triunfo aparentemente desaparecera, mas ficou claro que ele havia apenas diminuído. Ele ainda estava presente na satisfação de continuar viva – ao contrário do filho, que estava morto. Os sentimentos de culpa que já se faziam sentir deviam-se em parte a esse elemento de triunfo.

Lembrei-me aqui da passagem de "Luto e Melancolia", de Freud: "Cada uma das lembranças e situações de expectativa que demonstram o apego da libido ao objeto perdido se depara com o veredito passado pela realidade de que esse objeto não existe mais; confrontado, por assim dizer, com a questão de compartilhar ou não do mesmo destino, o ego, é persuadido pelo conjunto de satisfações narcisistas que obtém do fato de estar vivo a romper seu apego com o objeto que foi abolido" (E.S.B. **14**, p. 260). Na minha opinião, essa "satisfação narcisista" contém de forma atenuada o elemento de triunfo que Freud aparentemente não acreditava estar presente no luto normal.

Durante a segunda semana de seu luto, a Sra. A encontrava algum conforto em olhar para casas bem situadas no campo, desejando possuir uma delas algum dia. Entretanto, seu conforto logo era interrompido por acessos de desespero e pesar. Agora ela chorava muito e as lágrimas lhe traziam alívio. O conforto que obtinha ao olhar para as casas vinha do fato de reconstruir em fantasia seu mundo interno através desse interesse, além da satisfação de saber que as casas e os objetos bons das outras pessoas ainda existiam. Em última análise, isso significava recriar seus pais bons tanto interna quanto externamente, unificando-os e tornando-os felizes e criativos. Em sua mente, a Sra. A fazia uma reparação aos pais por ter matado os seus filhos em fantasia, evitando assim sua ira. Desse modo, o medo de que a morte do filho fosse uma punição infligida pelos pais retaliadores foi perdendo a força, assim como a sensação de que seu filho a tinha frustrado e punido com sua morte. A diminuição do medo e do ódio permitiu que o pesar em si viesse à tona com toda a sua intensidade. O aumento da desconfiança e do medo avivara a sensação de ser perseguida e dominada pelos objetos internos, assim como a necessidade de subjugá-los. Tudo isso se expressou através de um endurecimento de seus relacionamentos e sentimentos internos – ou seja, de um aumento das defesas maníacas (como ficou claro no primeiro sonho). Quando estas voltam a diminuir por causa da crença do sujeito na sua bondade e na dos outros, e os medos perdem a sua força, o indivíduo de

luto consegue se entregar completamente a seus sentimentos, chorando sua dor pela perda real que sofreu.

Tudo indica que os processos de projeção e expulsão, que estão intimamente ligados à extravasão dos sentimentos, são detidos em certos estágios do sofrimento por um controle maníaco excessivo e voltam a operar com mais liberdade quando esse controle relaxa. Ao chorar, o indivíduo de luto não só expressa seus sentimentos, aliviando a tensão, mas, como as lágrimas são identificadas no inconsciente com os excrementos, ele também expele os sentimentos e objetos "maus", o que aumenta o alívio obtido com o choro. Essa maior liberdade no mundo interior implica que os objetos internalizados, agora menos controlados pelo ego, também passam a mais liberdade: antes de mais nada, esses objetos passam a ter maior liberdade de sentimentos. No estado mental do indivíduo de luto, os sentimentos de seus objetos internos também são de pesar. Na sua mente, eles compartilham de seu sofrimento, assim como fariam os pais reais em sua bondade. O poeta nos diz que "A natureza chora com aquele de luto". Creio que nesse caso a "Natureza" representa a mãe interna boa. No entanto, essa experiência de sofrimento e compaixão mútua nas relações internas também está ligada às relações externas. Como já indiquei, a maior confiança da Sra. A nas coisas e nas pessoas reais, assim como a ajuda que recebeu do mundo externo, contribuíram para o relaxamento do controle maníaco sobre o mundo interno. Desse modo, a introjeção (assim como a projeção) pôde operar com muito mais liberdade e foi possível receber mais bondade e amor de fora, além de vivê-los com mais intensidade no mundo interior. A Sra. A, que num estágio anterior do luto sentiu de certa forma que sua perda lhe fora impingida por vingança dos pais, agora podia em sua fantasia receber a compaixão desses mesmos pais (mortos há muito tempo) e aceitar seu desejo de lhe dar apoio e ajudá-la. Ela sentia que eles também tinham sofrido uma terrível perda e compartilhavam de seu sofrimento, como de fato teria acontecido se ainda fossem vivos. No seu mundo interno, a severidade e a suspeita tinham diminuído, e o pesar aumentado. As lágrimas que agora chorava eram até certo ponto as lágrimas que seus pais internos derramavam, e ela queria reconfortá-los da mesma maneira que eles – em sua fantasia – também a reconfortavam.

Quando a segurança no mundo interno é gradualmente retomada, e os sentimentos e objetos internos voltam a ganhar vida, os processos de recriação têm início e a esperança surge novamente.

Como já vimos, essa mudança se deve a certos movimentos nos dois conjuntos de sentimentos que formam a posição depressiva: a perseguição se reduz e o anseio pelo objeto amado perdido é vivido com toda a sua intensidade. Em outras palavras: há um recuo do ódio e o amor se liberta. Uma característica inerente do sentimento de perseguição é o fato de ele ser alimentado pelo ódio

ao mesmo tempo em que o alimenta. Além disso, a sensação de ser perseguido e vigiado por objetos internos "maus", que por sua vez provoca a necessidade de vigiá-los constantemente, leva a um tipo de dependência que reforça as defesas maníacas. Essas defesas, na medida em que se voltam principalmente contra os sentimentos persecutórios (e não tanto contra o anseio pelo objeto amado), têm um caráter extremamente sádico e violento. Quando a perseguição se reduz, a dependência hostil do objeto, somada ao ódio, também diminui, o que traz um relaxamento das defesas maníacas. O anseio pelo objeto amado perdido também implica dependência em relação a ele, mas um tipo de dependência que se torna um incentivo para a reparação e a preservação do objeto. Ela é criadora porque é dominada pelo amor, enquanto a dependência baseada na perseguição e no ódio é estéril e destrutiva.

Assim, quando o sofrimento é vivido ao máximo e o desespero atinge seu auge, o indivíduo de luto vê brotar novamente seu amor pelo objeto. Ele sente com mais força que a vida continuará por dentro e por fora, e que o objeto amado perdido pode ser preservado em seu interior. Nesse estágio do luto, o sofrimento pode se tornar produtivo. Sabemos que experiências dolorosas de todos os tipos às vezes estimulam as sublimações, ou até despertam novas habilidades nas pessoas, que começam a pintar, escrever ou iniciam outras atividades produtivas sob a pressão das frustrações e adversidades. Outras se tornam mais produtivas de uma maneira diferente: mais capazes de apreciar as coisas e as pessoas, mais tolerantes na sua relação com os outros, elas se tornam mais sábias. Em meu ponto de vista, obtém-se esse enriquecimento através de processos semelhantes às etapas do luto que acabamos de estudar. Isto é, qualquer dor trazida por experiências infelizes, qualquer que seja sua natureza, tem algo em comum com o luto. Ela reativa a posição depressiva infantil; a superação de qualquer tipo de adversidade envolve um trabalho mental semelhante ao do luto.

Aparentemente, todo avanço no processo do luto resulta num aprofundamento da relação do sujeito com seus objetos internos, na felicidade de reconquistá-los depois que eles foram considerados perdidos ("Paraíso Perdido e Reconquistado"), numa maior confiança e amor por esses objetos, pois eles se mostraram bons e prestativos no fim das contas. Isso se dá de forma semelhante à maneira como a criança pequena constrói gradualmente sua relação com os objetos externos, pois ela ganha confiança não só através das experiências agradáveis, mas também da forma como supera frustrações e experiências dolorosas, sempre mantendo seus objetos bons (internos e externos). As fases do trabalho de luto em que as defesas maníacas relaxam e há uma renovação da vida interior, com um aprofundamento dos relacionamentos internos, são comparáveis às etapas do desenvolvimento arcaico que levam à maior independência dos objetos externos e internos.

Voltemos à Sra. A. Seu alívio ao olhar para casas agradáveis se devia à esperança de poder recriar o filho e os pais; a vida tinha começado novamente dentro dela e no mundo exterior. Nessa época, ela conseguiu sonhar novamente e começou a encarar inconscientemente sua perda. Agora sentia um desejo mais forte de rever os amigos, mas apenas um de cada vez e por um breve período de tempo. Esse maior sentimento de conforto, porém, ainda se alternava com períodos de sofrimento. (No luto, assim como no desenvolvimento infantil, a segurança interior não surge de um movimento contínuo, mas em ondas.) Depois de algumas semanas de luto, por exemplo, a Sra. A foi passear por ruas familiares com uma amiga, numa tentativa de restabelecer laços mais antigos. De repente, percebeu que o número de pessoas na rua parecia insuportável, as casas estranhas e a luz do sol artificial ou irreal. Foi obrigada a fugir para um restaurante tranqüilo. Uma vez lá dentro, porém, teve a impressão de que o teto iria desabar e as pessoas se tornaram vagas e indistintas. Sua própria casa parecia o único lugar seguro do mundo. Durante a análise, ficou claro que a indiferença assustadora das pessoas era um reflexo de seus objetos internos, que na sua mente tinham se transformado numa multidão de objetos "maus" persecutórios. O mundo externo parecia artificial e irreal, pois a verdadeira confiança na bondade interna desaparecera temporariamente.

Muitas pessoas de luto só conseguem restabelecer seus laços com o mundo externo muito lentamente, pois estão lutando contra o caos interior; por motivos semelhantes, o bebê parte de algumas pessoas queridas para desenvolver sua confiança no mundo dos objetos. Não há dúvida de que outros fatores – *i.e.*, sua falta de maturidade intelectual – são responsáveis em parte por esse desenvolvimento gradual das relações de objeto no bebê, mas acredito que isso também se deva ao estado caótico de seu mundo interior.

Uma das diferenças entre a posição depressiva arcaica e o luto normal é que quando o bebê perde o seio da mãe ou a mamadeira (que passou a representar um objeto "bom", prestativo e protetor dentro dele), sendo então tomado pelo sofrimento, isso acontece mesmo quando a mãe está presente. No caso do adulto, contudo, o pesar é fruto da perda real de uma pessoa real; no entanto, o fato de ter estabelecido no início da vida uma mãe "boa" dentro de si o ajuda a superar essa perda avassaladora. A criança pequena, porém, encontra-se no auge de sua luta contra o medo de perder a mãe interna e externamente, pois ainda não conseguiu estabelecê-la com segurança dentro de si mesma. Nessa luta, a relação da criança com a mãe e a presença dela ao seu lado são de grande ajuda. Da mesma maneira, se o indivíduo de luto está próximo a pessoas que ama e que compartilham de seu sofrimento, se ele é capaz de aceitar sua compaixão, há um estímulo para a restauração da harmonia em seu mundo interior, e seus medos e sua dor se reduzem com mais rapidez.

Depois de descrever alguns dos processos que observei no luto e nos estados depressivos, gostaria agora de estabelecer um elo entre a contribuição que acabo de fazer e o trabalho de Freud e Abraham.

Baseando-se nas suas próprias descobertas e nas de Freud sobre a natureza dos processos arcaicos envolvidos na melancolia, Abraham descobriu que esses processos também agem no trabalho de luto normal. Ele concluiu que nesse trabalho o indivíduo estabelece a pessoa amada que faleceu dentro do ego, enquanto o melancólico não consegue fazer isso. Abraham também descreveu alguns dos fatores fundamentais que determinam o sucesso ou o fracasso desse processo.

Minha experiência me leva a concluir que apesar de a característica típica do luto normal ser o fato de o indivíduo instalar o objeto de amor perdido dentro de si mesmo, ele não está fazendo isso pela primeira vez. Na verdade, através do trabalho de luto, ele está restaurando esse objeto, assim como todos os seus objetos amado *internos*, que acredita ter perdido. Portanto, está *recuperando* aquilo que já tinha obtido durante a infância.

Durante o seu desenvolvimento arcaico, como já sabemos, ele estabelece seus pais dentro do ego. (Foi a compreensão dos processos de introjeção na melancolia e no luto normal que, como já sabemos, levou Freud a reconhecer a existência do superego no desenvolvimento normal.) Contudo, no que diz respeito à natureza do superego e à história de seu desenvolvimento individual, minhas conclusões divergem das de Freud. Como já indiquei várias vezes, os processos de introjeção e projeção levam desde o início da vida ao estabelecimento de objetos amados e odiados dentro de nós mesmos. Esses objetos são considerados "bons" ou "maus", e estão interligados uns com os outros e com o *self*: ou seja, eles formam um mundo interior. Esse conjunto de objetos internalizados se organiza, acompanhando a organização do ego, e pode ser percebido nos estratos superiores da mente como o superego. Assim, de acordo com minhas descobertas, o fenômeno reconhecido por Freud, em termos gerais, como as vozes e a influência dos pais reais instalados dentro do ego é um complexo mundo de objetos, percebido pelo indivíduo, nas camadas profundas do inconsciente, como algo que tem uma existência concreta dentro de si. Eu e meus colegas damos a isso o nome de "objetos internalizados" e de "mundo interior". Esse mundo interior é formado por inúmeros objetos absorvidos pelo ego, que correspondem em parte à profusão de aspectos variáveis, bons e maus, em que os pais (e também as outras pessoas) apareceram na mente inconsciente da criança ao longo dos vários estágios de seu desenvolvimento. Também representam todas as pessoas reais que são continuamente internalizadas nas diversas situações oferecidas pelas experiências externas e fantasiadas. Além disso, todos esses objetos do mundo interior formam uma relação infinitamente complexa entre si e com o *self*.

Ao se aplicar esta descrição da organização do superego (em comparação ao superego de Freud) ao processo do luto, fica clara a natureza da minha contribuição para o entendimento desse processo. No luto normal, o indivíduo reintrojeta e reinstala não só a pessoa que realmente perdeu, mas também os pais amados que são percebidos como seus objetos "bons" internos. Seu mundo interior, aquele que vinha construindo desde o início da vida, foi destruído em sua fantasia quando ocorreu a perda real. A reconstrução desse mundo interior caracteriza o trabalho de luto bem-sucedido.

Uma boa compreensão desse complexo mundo interior permite ao analista descobrir e resolver uma grande variedade de situações arcaicas de ansiedade que antes eram desconhecidas. A importância teórica e terapêutica desse fato é tão grande, que ainda não pode ser totalmente avaliada. Também acredito que o problema do luto só pode ser entendido de forma mais completa ao se levar em consideração essas situações de ansiedade arcaica.

Agora darei um exemplo, ligado ao luto, de uma dessas situações de ansiedade que, como descobri, também têm uma importância fundamental nos estados maníaco-depressivos. Refiro-me à ansiedade ligada à relação sexual destrutiva entre os pais internalizados; tanto eles quanto o *self* estão sob o risco constante de sofrerem uma destruição violenta. No material a seguir, apresentarei trechos de alguns sonhos de um paciente, D, homem com pouco mais de quarenta anos, com fortes traços paranóides e depressivos. Não entrarei em detalhes sobre o caso como um todo, limitando-me a mostrar como esses medos e fantasias em particular vieram à tona com a morte da mãe do paciente. Esta já estava com a saúde abalada há algum tempo e na época a que me refiro se encontrava mais ou menos inconsciente.

Um dia, D falou da mãe durante a análise com ódio e amargura, acusando-a de ter feito seu pai infeliz. Também se referiu a um caso de suicídio e outro de loucura que tinham ocorrido na família da mãe. Segundo ele, a mãe já estava "perturbada" há algum tempo. Aplicou duas vezes o termo "perturbado" a si mesmo e depois disse: "Eu sei que você vai me deixar louco e depois me internar." Falou de um animal que era preso numa jaula. Interpretei isso como uma indicação de que D sentia que o parente louco e a mãe perturbada agora estavam dentro dele, e que o medo de ser preso numa jaula implicava em parte o medo mais profundo de manter essas pessoas malucas dentro de si e de enlouquecer também. Então me contou um sonho que tivera na noite anterior: *via um touro deitado no terreiro de uma fazenda. Ele não estava bem morto, e parecia muito estranho e perigoso. O paciente estava de pé ao lado do touro e sua mãe estava do outro lado. Ele fugiu para dentro de uma casa, sentindo ao mesmo tempo que estava deixando mãe em perigo e que não deveria fazer isso; mas torcia vagamente para que ela escapasse.*

Para surpresa do próprio paciente, a primeira associação que apresentou em relação ao sonho foram os melros que tanto o incomodaram ao acordá-lo de manhã. Depois falou dos búfalos da América, país onde nascera. Sempre tivera um grande interesse por eles e sentia forte atração sempre que os via. Então disse que era possível usá-los como alimento, mas que estavam sendo exterminados e deveriam ser preservados. Depois mencionou a história de um homem que foi obrigado a ficar deitado no chão embaixo de um touro durante horas, sem poder se mexer com medo de ser esmagado. Também surgiu uma associação sobre um touro real na fazenda de um amigo; vira esse touro há pouco tempo e disse que era aterrorizador. Essa fazenda trazia associações que a faziam representar sua própria casa. Passara a maior parte da infância numa grande fazenda de propriedade do pai. No meio disso tudo, surgiram associações sobre sementes de flor que vinham do campo e brotavam nos jardins da cidade. D viu o dono da fazenda novamente na mesma noite e lhe recomendou insistentemente que mantivesse o touro sob controle. (D soubera que o touro danificara há pouco tempo algumas construções da fazenda.) Na mesma noite, o paciente foi informado da morte da mãe.

Na sessão seguinte, D não mencionou de início a morte da mãe. Ao invés disso, expressou o ódio que tinha de mim: o meu tratamento iria matá-lo. Então recordei-lhe o sonho do touro, e ofereci a interpretação de que, em sua mente, a mãe tinha se misturado com o agressivo pai-touro – que também estava meio-morto – tornando-se estranha e perigosa. Naquele momento, eu e o tratamento representávamos essa figura dos pais combinados. Observei que o aumento recente do ódio contra a mãe era uma defesa contra o sofrimento e o desespero que sentia diante de sua morte, cada vez mais próxima. Mencionei as fantasias agressivas em que, na sua mente, tinha transformado o pai num touro perigoso que destruiria a mãe; daí seu sentimento de responsabilidade e culpa por esse desastre iminente. Também lembrei o comentário do paciente sobre a possibilidade de se comer os búfalos e expliquei que ele tinha incorporado a figura dos pais combinados, o que lhe fazia ter medo de ser esmagado internamente pelo touro. O material anterior da análise demonstrara seu pavor de ser controlado e atacado internamente por seres perigosos, medos que resultaram, entre outras coisas, no hábito de adotar às vezes uma postura muito rígida e imóvel. Interpretei a história do homem que corria o risco de ser esmagado pelo touro, e que se via imobilizado e controlado por ele, como uma representação dos perigos que o paciente acreditava estarem ameaçando-o internamente.[1]

1 Constatei várias vezes que processos internos percebidos inconscientemente pelo paciente são representados como algo que acontece em cima ou ao lado dele. Através do princípio bem conhecido da representação pelo oposto, um acontecimento externo pode representar um interno.

Mostrei então ao paciente as implicações sexuais do ataque do touro contra a mãe, ligando-as à irritação que sentiu quando foi despertado pelos pássaros de manhã (uma vez que essa foi sua primeira associação para o sonho do touro). Recordei-lhe que nas suas associações os pássaros muitas vezes representavam pessoas e que o barulho que faziam – barulho a que já estava acostumado – simbolizava para ele a perigosa relação sexual entre os pais. Ele fora particularmente insuportável naquela manhã por causa do sonho do touro e do profundo estado de ansiedade em que o paciente se encontrava devido à agonia da mãe. Assim, a morte da mãe significava sua destruição pelo touro que se encontrava dentro do paciente, pois (uma vez que o trabalho do luto já tinha se iniciado) ele a internalizara nessa situação perigosa.

Também apontei para alguns aspectos auspiciosos do sonho. A mãe talvez se salvasse do touro. O paciente gostava de melros e de outros pássaros. Também mostrei as tendências de reparação e recriação presentes no material. O pai (os búfalos) deveria ser preservado, *i.e.*, protegido contra a voracidade do próprio paciente. Lembrei-lhe, entre outras coisas, das sementes que queria espalhar do campo que tanto amava para a cidade e que representavam novos bebês criados por ele e o pai como reparação à mãe – sendo que esses bebês cheios de vida também eram um meio de mantê-la viva.

Foi só *depois* dessa interpretação que ele conseguiu me contar que a mãe morrera na noite anterior. Então admitiu – o que era raro – ter entendido perfeitamente o processo de internalização que eu interpretara para ele. Disse que não passara bem depois de ser informado da morte da mãe e que, no mesmo momento, percebeu que não havia nenhum motivo físico para isso. Esse fato agora lhe parecia confirmar minha interpretação de que ele tinha internalizado a situação imaginária dos pais em luta e agonizantes.

Ao longo dessa sessão, ele demonstrou grande quantidade de ódio, ansiedade e tensão, mas quase nenhum pesar; no entanto, perto do fim, depois da minha interpretação, seus sentimentos se suavizaram, uma certa tristeza veio à tona e o paciente sentiu algum alívio.

Na noite seguinte ao funeral da mãe, D sonhou que X (uma figura paterna) e outra pessoa (que representava a mim) estavam tentando ajudá-lo, mas na verdade ele tinha que lutar pela sua vida contra nós; em suas próprias palavras, "A morte estava me chamando." Nessa sessão, voltou a se queixar amargamente de que a análise estava desintegrando-o. Ofereci a interpretação de que, para ele, os pais

É possível descobrir se a ênfase está na situação interna ou externa a partir de todo o contexto – dos detalhes das associações e da natureza e intensidade dos afetos. Por exemplo, certas manifestações muito fortes de ansiedade e os mecanismos de defesa específicos empregados contra elas (principalmente o aumento da negação da realidade psíquica) indicam que a situação interna é a predominante num determinado momento.

externos que o ajudavam eram ao mesmo tempo os pais desintegradores em luta, que o atacariam e destruiriam – o touro meio morto e a mãe agonizante dentro dele. Eu mesma e a análise tínhamos passado a representar as pessoas e os acontecimentos perigosos que se desenrolavam dentro de si. O fato de que o paciente internalizara pai como um pai morto ou agonizante foi confirmado quando ele me contou que durante o funeral da mãe chegara a se perguntar por um instante se seu pai também tinha morrido (na verdade, o pai ainda estava vivo).

Perto do fim da sessão, quando o ódio e a ansiedade já tinham se reduzido, ele voltou a ficar mais cooperativo. Mencionou que no dia anterior sentiu-se sozinho e, ao olhar para o jardim pela janela da casa do pai, não gostou de um gaio que viu pousado em um arbusto. Pensou que esse pássaro mau e destrutivo poderia mexer no ninho cheio de ovos de outro pássaro. Então associou que algum tempo antes vira molhos de flores silvestres atirados no chão – provavelmente colhidos e depois abandonados por um grupo de crianças. Mais uma vez interpretei seu ódio e sua amargura como sendo em parte uma defesa contra o sofrimento, a solidão e a culpa. Como várias vezes antes, o pássaro e as crianças destrutivas representavam o próprio paciente, que na sua mente tinha destruído o lar e a felicidade dos pais, matando a mãe ao aniquilar os bebês que se encontravam dentro dela. Nesse caso, seu sentimento de culpa estava relacionado aos ataques *diretos* que fizera em fantasia contra o corpo da mãe; no sonho do touro, por outro lado, a culpa vinha dos ataques *indiretos* contra ela, ataques em que o pai foi transformado num touro perigoso que realizava os desejos sádicos do próprio paciente.

Na terceira noite depois do funeral da mãe, D teve outro sonho:

Via um ônibus vir em sua direção de forma descontrolada – aparentemente andando sozinho. O veículo foi em direção a um galpão. O paciente não conseguiu ver o que acontecera com o galpão, mas sabia com certeza que "estava indo pelos ares". Então duas pessoas, vindas de trás dele, abriam o teto do galpão e olhavam para dentro. D não entendeu "para que fazer isso", mas elas pareciam acreditar que isso ajudaria em alguma coisa.

Além de manifestar o medo de ser castrado pelo pai num ato homossexual que o paciente ao mesmo tempo desejava, esse sonho exprimia a mesma situação interna do sonho do touro: a morte da mãe dentro dele e a sua própria morte. O galpão simbolizava o corpo da mãe, o próprio paciente e a mãe que existia dentro dele. Na mente de D, a perigosa relação sexual representada pelo ônibus que destrói o galpão se desenrolava com a mãe e com ele mesmo; mas além disso – e era daí que vinha a ansiedade predominante – se desenrolava com a mãe *dentro* dele.

O fato de o paciente não conseguir ver o que acontecia no sonho indicava que na sua mente a catástrofe era interna. Ele também sabia, mesmo sem poder

ver, que o galpão estava "indo pelos ares". Além de representar a relação sexual e a castração pelo pai, o ônibus que vinha "em sua direção" também significava "isso está acontecendo dentro de mim".[1]

As duas pessoas que abriam o teto por trás (ele tinha apontado para minha cadeira) eram o próprio paciente e eu, olhando para o seu interior e a sua mente (psicanálise). As duas pessoas também representavam a mim mesma como uma figura dos pais "maus" combinados que continha o pai perigoso – daí as dúvidas de que olhar para dentro do galpão (a análise) seria de alguma ajuda. O ônibus descontrolado também representava o próprio D numa relação sexual perigosa com a mãe, exprimindo o medo e a culpa relacionados à natureza má de seus órgãos genitais. Antes da morte da mãe, numa época em que sua doença fatal já tinha se instalado, o paciente bateu acidentalmente com o carro num poste, sem nenhuma conseqüência grave. Tudo indica que isso foi uma tentativa inconsciente de suicídio, cujo objetivo era destruir os pais internos "maus". Esse acidente também representava os pais numa relação sexual perigosa dentro dele; era, portanto, a realização, assim como a externalização, de um desastre interior.

A fantasia dos pais combinados numa relação sexual "má" – ou melhor, o acúmulo de desejos, medos, culpa e emoções de vários tipos que acompanhava essa fantasia – perturbara profundamente sua relação com ambos os pais, desempenhando um papel importante não só na sua doença, mas em todo o seu desenvolvimento. Com a análise dessas emoções ligadas aos pais reais na relação sexual – e principalmente através da análise dessas situações internalizadas – o paciente foi capaz de sentir um verdadeiro luto pela mãe. Durante toda a sua vida, porém, tinha evitado a depressão e o sofrimento de perdê-la, derivados de seus sentimentos depressivos infantis, negando seu grande amor por ela. Tinha reforçado inconscientemente seu ódio e seus sentimentos de perseguição, pois não suportava o medo de perder a mãe *amada*. Quando as ansiedades a respeito de seu próprio caráter destrutivo diminuíram e a confiança na sua capacidade de restaurar a mãe e preservá-la ficou mais forte, a perseguição se reduziu e o seu amor por ela foi ocupando gradualmente o primeiro plano. Ao mesmo tempo, porém, D começou a sentir cada vez mais o pesar e o anseio por ela que reprimira e negara desde os primeiros dias de sua vida. Ao passar com sofrimento e desespero por esse luto, seu amor profundamente encoberto pela mãe tornou-se cada vez mais claro e sua relação com os pais se alterou. Em certa ocasião, ao falar de uma lembrança agradável da infância, referiu-se a eles como "meus pais queridos" – algo que nunca fizera antes.

1 Um ataque ao exterior do corpo muitas vezes representa um ataque que se sente ser interno. Já observei que a representação de algo em cima ou muito perto do corpo muitas vezes tem o significado mais profundo de apontar para um elemento interno.

Mostrei aqui e no meu artigo anterior os motivos profundos por trás da incapacidade do indivíduo para superar completamente a posição depressiva infantil. Esse fracasso pode causar doenças depressivas, a mania ou a paranóia. Também apontei (*op. cit.*) para dois outros métodos através dos quais o ego procura escapar dos sofrimentos ligados à posição depressiva: a fuga para os objetos bons internos (que pode levar à psicose grave) e a fuga para os objetos bons externos (que pode provocar a neurose). De acordo com minha experiência, porém, há várias estratégias, baseadas em defesas obsessivas, maníacas e paranóides que variam de pessoa para pessoa em sua proporção relativa, que servem ao mesmo propósito, ou seja, permitir ao indivíduo fugir dos sofrimentos ligados à posição depressiva. (Todos esses métodos, como já indiquei, também fazem parte do desenvolvimento normal.) Isso é fácil de se observar na análise de pessoas que não conseguem viver o luto. Sentindo-se incapazes de salvar e restaurar com firmeza seus objetos de amor dentro de si, elas se afastam mais desses objetos e negam seu amor por eles. Como resultado, suas emoções em geral podem se tornar mais inibidas; em outros casos, são principalmente os sentimentos amorosos que são abafados e o ódio é estimulado. Ao mesmo tempo, o ego recorre a várias maneiras de lidar com os medos paranóides (que se tornam mais intensos à medida em que o ódio é reforçado). Por exemplo, os objetos internos "maus" são subjugados de forma maníaca, imobilizados e ao mesmo tempo negados, além de serem projetados para o mundo externo. Algumas pessoas que não conseguem viver o luto só conseguem escapar de uma crise maníaca depressiva ou da paranóia através da severa restrição de sua vida emocional, que empobrece toda a sua personalidade.

A capacidade de pessoas desse tipo para manterem o equilíbrio mental muitas vezes depende da maneira como esses vários métodos interagem entre si, e de sua capacidade de manter viva em outras direções parte do amor que negam aos seus objetos perdidos. Relações com pessoas que na mente do sujeito não se aproximam muito do objeto perdido, assim como o interesse em várias coisas e atividades, podem absorver parte desse amor que pertencia ao objeto perdido. Apesar de essas relações e sublimações ainda guardarem alguns traços maníacos e paranóides, elas podem oferecer algum conforto e alívio da culpa, pois através delas o objeto amado perdido que fora rejeitado e, portanto, novamente destruído, é restaurado até certo ponto, podendo ser mantido na mente inconsciente.

Quando a análise diminui as ansiedades dos nossos pacientes ligadas a pais internos destrutivos e persecutórios, há uma redução do ódio e um novo decréscimo das ansiedades. Os pacientes conseguem então reexaminar sua relação com os pais – estejam eles vivos ou mortos – e reabilitá-los até certo ponto, mesmo quando têm motivos concretos de ressentimento. Essa maior tolerância torna possível estabelecer figuras "boas" dos pais com mais firmeza

em sua mente, ao lado dos objetos internos "maus" – ou melhor, permite mitigar o medo dos objetos "maus" através da confiança nos objetos "bons". Isso significa que eles conseguem sentir emoções – pesar, sofrimento e culpa, além de amor e confiança – que lhes permitem passar pelo luto, vencê-lo, e finalmente superar a posição depressiva infantil, coisa que não conseguiram fazer na infância.

Concluindo. No luto normal, assim como no luto anormal e nos estados maníaco-depressivos, a posição depressiva infantil é reativada. As fantasias, ansiedades e sentimentos complexos englobados por esse termo são de tal natureza a justificar minha afirmação de que, em seu desenvolvimento arcaico, a criança passa por um estado maníaco-depressivo transitório e por um estado de luto que são modificados pela neurose infantil. O fim da neurose infantil traz a vitória sobre a posição depressiva infantil.

A diferença fundamental entre o luto normal, de um lado, e o luto anormal e os estados maníaco-depressivos, de outro, é a seguinte: o maníaco-depressivo e a pessoa que fracassa no trabalho do luto, apesar de poderem apresentar defesas completamente diferentes, têm em comum o fato de não terem conseguido estabelecer seus objetos "bons" internos no início da infância e de não se sentirem seguros no seu mundo interior. Eles nunca chegaram a superar a posição depressiva infantil. No luto normal, porém, a posição depressiva arcaica, reativada com a perda do objeto amado, modifica-se novamente, sendo superada através de métodos semelhantes àqueles empregados pelo ego durante a infância. O indivíduo restaura o objeto amdo que de fato acaba de perder; ao mesmo tempo, porém, restabelece dentro de si seus primeiros objetos amados – em última análise, os pais "bons" – cuja perda ele também temia ao passar pela perda real. Ao restabelecer dentro de si os pais "bons" juntamente com a pessoa que acaba de perder e ao reconstruir seu mundo interior, que fora desintegrado ou se encontrava em perigo, ele vence seu pesar, volta a ter segurança, e conquista a verdadeira paz e harmonia.